

O Dinheiro: um estudo desta mola mestra da economia libidinal

Flavia Simões de Oliveira

RESUMO

O presente artigo disserta sobre as articulações do dinheiro no século XXI, suas significações subjetivas e consequências culturais: a moeda, pensada como a mola mestra que determina os rumos da vida contemporânea e define as relações humanas. Pensando o dinheiro às vezes como signo e às vezes como significante, recorre-se, em princípio, à perspectiva semiótica na teorização do elemento enquanto mediador universal e signo cultural por excelência; posteriormente, a psicanálise é utilizada no esclarecimento do seu valor como significante e nas equivalências fálicas que imaginariamente traça diante dele. Objetiva-se, por fim, discutir a relação entre a economia libidinal do desejo e a do gozo envolvidas na interação com o dinheiro. Na conclusão do percurso, confirma-se a aproximação do dinheiro com o falo imaginário e por consequência a colocação lacaniana do dinheiro ser o objeto mais mortífero que existe.

Palavras-chaves: Dinheiro. Signo. Semiótica. Significante. Psicanálise.

O DINHEIRO: UM ESTUDO DESTA MOLA MESTRA DA ECONOMIA LIBIDINAL

Aventurar-se a falar sobre o dinheiro não se apresenta como um empreendimento fácil. Cogitar compreender um elemento que se configura como uma das molas mestras daquilo que impera requer que se percorra um extenso trajeto. Pensá-lo relacionado ao psiquismo e à cultura apresenta-se relevante à medida que contribui para a compreensão do elemento, principalmente em sua temporalidade.

As transformações ideológicas que acompanharam o desenvolvimento desse elemento monetário foram drasticamente marcadas pelas mudanças diacrônicas na mentalidade do ser humano. No capitalismo global, há uma exigência de que se consuma, se desfrute, se mude, se satisfaça rapidamente, imperiosamente. Ele disponibiliza meios e ideologias que impõem uma obrigação ao gozo. O dinheiro, sendo o que move esse sistema, funciona como um representante direto desse imperativo ou, como, o Deus do discurso capitalista.

As muitas formas de representação do dinheiro - moeda, cédula, cheque, ouro, saldo no banco, nota promissória, título, cartão de crédito - não exprimem aquilo que de fato o contorna. O dinheiro é uma vasta metáfora social. A trajetória que permeia este instrumento social se inicia há milênios atrás.

A concepção do dinheiro sempre se modificou frente à ideia do sujeito sobre o poder, a moral e a cultura, ela existe muito antes das primeiras moedas serem cunhadas. É difícil pensar o dinheiro apenas enquanto sua materialidade, pois sua extensão vai além do que é representado por um peso, ou uma imagem em papel, principalmente após sua virtualização. Na história da cultura, o dinheiro sempre esteve presente, a moeda se tornou ao longo do tempo necessária para mediar o contato do homem com o mundo.

Seu poder é ligado ao poder da ideia vigente; é a mentalidade moral temporal que determina a interpretação, representação e a significação da moeda nos âmbitos em que circula. O dinheiro reflete a cultura que o deu origem, ou seja, não reflete apenas valor, mas um conjunto de valores. Seu conceito vai além de qualquer materialização. A partir do momento em que existe a alteridade, ou seja, a presença da relação com o outro, existe a troca e com ela o elemento perde sua função apenas material e assume novos papéis sociais e psíquicos, determinando assim novas configurações. A moeda passa a ter um novo valor

que vai além do seu valor de uso, um valor simbólico. O dinheiro não equivale a um objeto concreto, ele expressa uma noção de valor.

A necessidade de se viver em comunidade, ou seja, em comum acordo com outras pessoas, surgiu da incapacidade humana de autossuficiência. A demanda por um elemento comum que servisse como instrumento mediador nas trocas esteve presente em todos os registros de sociedades organizadas da história. Difícil saber se tal demanda foi a causa ou a consequência das primeiras hierarquias sociais; o que se mostra óbvio no entanto é que o elemento monetário se apresenta hoje como a base reguladora de qualquer organização entre pessoas.

O fenômeno social que adveio com a universalização do uso do dinheiro consagrou-o como uma instituição necessária à sobrevivência não apenas da sociedade, mas da cultura também. A cultura enquanto efeito da produção do homem sob o meio também se altera frente ao contato com o elemento, pois não há quem não tenha sido ensinado, inserido no capitalismo global, que o valor de qualquer criação humana deve ser medido em relação àquilo que pode contabilizar.

A cultura organiza a vida das pessoas em determinado lugar e época histórica, o dinheiro contribui e regula o arranjo vigente. Ele ajuda a edificar, portanto, não apenas os sistemas econômicos, mas todas as relações sociais e culturais, determinando muitas vezes aquilo que impera, elevando ao poder aquele que o detém, regendo relações interpessoais e configurando dinâmicas sociais.

Na ideologia capitalista, o dinheiro é de fato a mola mestra, única e determinante. Ela leva a crer que detendo o elemento, se torna possível equacionar o que se deseja e precisamente obter qualquer coisa que isso seja. Dentro do sistema, o dinheiro dá um valor exato para tudo.

O valor do dinheiro é social e relativo, qualquer objeto material pode desempenhar a função de dinheiro desde que assim seja considerado socialmente. Sua designação decorre de um processo de aceitação generalizada pelo uso e costume dentro do meio em que circula. A padronização do metal em forma de moeda foi socialmente aceita em determinado momento da história com variações de tempo nos diversos lugares e a partir daí o dinheiro passa a ser uma convenção, uma metáfora, ou seja, uma coisa que significa outra, portanto um signo, algo capaz de criar na mente da pessoa um outro signo equivalente.

Para a semiótica, é por meio dos signos que se é possível a construção representativa da realidade. Toda a existência depende deles. Sem os signos, não se

consegue contabilizar nada, nem mesmo o próprio tempo. A linguagem existe a partir dos signos, pois é o outro que nos reconhece e o mundo nada mais é senão todos os signos que determinam o contato com ele. O dinheiro, portanto, como convencional e sógnico, regula a construção da realidade global.

A moeda, ocupando o lugar de mediadora universal dentro do sistema capitalista – pois através dela se é possível adquirir qualquer objeto - se constitui como um dos signos mais importantes da atualidade, podendo aventurar-se a dizer o mais importante, dada a inserção no capitalismo global, afetando e determinando a edificação social mundial e a representação ideacional de mundo.

Toda experiência humana está alicerçada em signos. Se reduzirmos o elemento monetário em sua materialidade, ele é apenas metal ou papel. No entanto, todo o investimento econômico que é demandado na relação com ele se justifica pelo seu valor de signo, sua significação simbólica.

A materialização do dinheiro enquanto metal cunhado ou papel desenhado traz consigo importantes registros semióticos, depois da incidência esmagadora do dinheiro digital, houve uma desmaterialização do elemento monetário, restando apenas sua significação simbólica e valor enquanto signo de troca. O dinheiro digital exacerbou ainda mais o valor do dinheiro enquanto signo. A moeda enquanto objeto material utilizado como mediação está cada vez mais escassa, ela está se tornando muito rapidamente apenas um elo entre o objeto e o interpretante, um elo invisível, virtual.

O funcionamento do elemento monetário pode ser explorado esmiuçando a forma como ele opera enquanto signo e/ou enquanto significante. A semiótica psicanalítica como o estudo das consequências psíquicas dos signos culturais desemboca em uma discussão sobre a clínica da cultura e suas vicissitudes.

Há uma conexão entre a articulação estruturante do dinheiro com o logro das identificações imaginárias do sujeito. A gênese do dinheiro é da ordem da realidade social, no entanto não se pode ignorar o fato de que tem uma significação individual.

Segundo o inventor da psicanálise Sigmund Freud, o dinheiro é um objeto pulsional. A significação que o humano dá ao dinheiro está intrinsecamente ligada à resolução que dá ao seu erotismo anal. O erotismo anal é um dos componentes da pulsão sexual e as zonas erógenas (boca, genitais, ânus, seios, uretra) são fontes de erotismo que contribuem amplamente para o desenvolvimento da sexualidade humana. Freud (1917/2006, p. 162) afirma que “as conexões entre os complexos do apego ao dinheiro e da defecação, aparentemente tão diversos, afiguram-se as mais extensas”. O psicanalista

notou que o tema do dinheiro ou o próprio ouro eram constantemente associados à sujeira e fezes, e que alguns sintomas neuróticos eram resultantes das vicissitudes do desenvolvimento erótico infantil.

No texto de 1917, *As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal*, o psicanalista coloca o dinheiro na equivalência simbólica de alguns elementos do inconsciente que são tratados muitas vezes como se fossem equivalentes e pudessem substituir um ao outro. Ele formula, para tanto, a equação: fezes = dinheiro = dádiva = bebê = pênis, percebendo que tais elementos quase não se diferenciam nas formações inconscientes: “nos produtos do inconsciente – ideias espontâneas, fantasias e sintomas – os conceitos de fezes (dinheiro, dádiva), bebê e pênis mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis” (FREUD, 1917/ 2006, p. 136).

O interesse pelo dinheiro aponta para um primitivo interesse pelas fezes. A relação entre o dinheiro e a sujeira sempre esteve presente nas antigas civilizações, nos mitos, nas formas arcaicas de pensamento, nas superstições, nos sonhos, no inconsciente e na neurose. Com a equação estabelecida, Freud consegue compreender e explicar o porquê das associações relacionadas ao dinheiro e das razões pelo qual o elemento ocupa um lugar de tamanho endereçamento de investimento libidinal.

O psicanalista francês Jacques Lacan acrescenta que é a partir da castração, experiência estruturante para a organização do sujeito, que existe a possibilidade de formação de um padrão simbólico de equivalência, o qual explicaria o papel do dinheiro no psiquismo. Para o psicanalista, para se compreender a estrutura humana deve-se partir da teoria de falta de objeto, “a relação central de objeto, aquela que é dinamicamente criadora, é a da falta” (LACAN, 1956-1957/ 1995, p. 171). A falta inerente ao humano é que desenha toda a sua trajetória, a organização da libido se dará a partir do significante da falta: o falo, e é em torno dele que se estrutura toda a sexualidade.

O falo imaginário é a representação construída com base na parte anatômica do corpo do homem. No entanto, não pode de maneira alguma ser confundida com a parte em si, ele é um significante organizador da cadeia, sob o qual as equivalências simbólicas seguintes se relacionam.

A figura simbólica do falo imaginário ocupa um dos lugares na série de termos equivalentes. A impossibilidade do gozo absoluto evidenciada pela experiência da castração faz com que o menino e a menina, com as peculiaridades da diferenciação nos complexos de castração de ambos, substituam o falo imaginário por qualquer dos objetos oferecidos no momento da renúncia. Passando a ter então um caráter simbólico, o falo é

consequentemente trocado por outros objetos equivalentes (fezes = presentes = dinheiro...). O falo, contudo, é muito mais do que um termo entre outros numa série comutativa, ele próprio é a condição que garante a existência da série e possibilita que outros objetos na vida sejam objetos equivalentes na ordem do desejo.

O falo imaginário é apenas a representação do pênis. No entanto, sua função de falo na cadeia significante o faz ter um importante papel simbólico. Ele se torna o referencial invariável da cadeia. Os objetos perdidos pela criança, por exemplo, as fezes que se desprendem do corpo, assumem um valor de falo imaginário. O falo imaginário em si deixa de ser imaginário, exclui-se da série e se torna o padrão simbólico.

Com Lacan, torna-se possível então a apreensão do dinheiro enquanto um equivalente fálico na equação simbólica freudiana, e como um substituto do mesmo na cadeia de significantes que configura a vida psíquica humana.

Engendrando um paralelo então, podemos dizer que em termos semióticos o dinheiro é o signo cultural por excelência, pois além de ser o signo de toda mercadoria, não há quem não se altere diante dele. Apesar de se pensar facilmente na sua materialidade, pois através dele se compra qualquer item material, ele é um elemento completamente abstrato pois não se reduz a nenhum significado específico, não tem lastro nem nenhuma relação direta com alguma mercadoria. Sua corporificação é inconversível a qualquer objeto específico e, exatamente por isso, pode se equivaler a qualquer significante para o sujeito possuidor da moeda. A psicanálise entra aí, clareando a similitude desse significante com o falo imaginário e refletindo sobre as consequências dessa alusão que faz como que o dinheiro se constitua como o objeto mais mortífero de todos, pois detém o engodo de deter valor em si.

Assegura Jorge (2008, p. 82) que “o signo refere-se a um sentido já dado, que prescinde do sujeito para advir, ao passo que o significante é produtor de sentido novo que depende precisamente da inserção subjetiva”.

Os signos dependem de uma convenção para funcionar e esta arbitrariedade é genericamente gestada na experiência culturalmente partilhada dos humanos. O elemento monetário é uma convenção que tem como principal característica a capacidade de ser um conversor absoluto, podendo se transformar em qualquer objeto e produzindo na mente do interpretante uma infinidade de signos. O dinheiro já não tem tanta materialidade quanto antigamente – levando em consideração o cartão de crédito, a bolsa de valores, chip intradérmicos, e etc. –; mesmo assim, e talvez por causa dessa imaterialidade, o dinheiro torna-se o conversor universal de todos os valores materiais. Por sua conversibilidade

infinita e por sua neutralidade, o dinheiro dá a ilusão de poder transformar qualquer desejo em objeto, é pura abstração que pode tomar a forma de todas as coisas concretas possíveis.

O dinheiro podendo ser designado então como o signo por excelência, pois ninguém fica indiferente diante dele, detém a primazia sobre outros signos. O elemento monetário tem forte influência sobre o comportamento das pessoas. Na sociedade do dinheiro, a moeda abstrata representa subjetivamente a interação entre o interpretante e todos os objetos que media, é a marca da individualidade capitalista, é o denominador que permite e regula a relação entre pessoas e destas com os objetos, é o meio para todo fim, o equivalente de toda troca. Diante da interferência deste signo, não há quem não se altere.

A perda da materialidade do dinheiro, com o passar do tempo, provocou uma mudança drástica, não apenas nos usos e costumes mas na ideologia que paira sobre esse elemento. Apesar do signo sempre haver existido, independente do que o suporta e determina, a modificação temporal surte efeitos na mentalidade do interpretante. O interpretante seria então o efeito do signo, aquilo que viria como vicissitude significante da relação triádica entre os três elementos. O dinheiro enquanto signo só consta no âmbito da economia libidinal a partir do efeito que gera na mentalidade do interpretante enquanto significante. O elemento monetário é uma das molas mestras que rege a economia libidinal.

Enquanto o signo é algo que representa algo para alguém, o significante é o que representa o sujeito para outro significante. O significante não tem sentido para si mesmo, apenas dentro de uma série de outros significantes que, em cadeia, constituem o aparelho psíquico humano.

O dinheiro se insere então dentro de uma equação simbólica ou série fálica de elementos equivalentes frente ao inconsciente. A cadeia que configura essa equação simbólica é uma cadeia significante, e o dinheiro se inscreve nela como o representante equivalente do significante fálico. Funcionando como uma metáfora, ou seja, um substituto do significante organizador da cadeia, o dinheiro é capaz de se equivaler a infinitos outros significantes, se configurando assim como a artimanha mais necessária para a conservação do sistema capitalista dominante.

O elemento monetário isento de significado único e provido de inúmeros possíveis significantes representa o signo capaz de equivaler simbolicamente a qualquer outro objeto, ou seja, como se remetesse ao próprio falo como conceito freudiano que Lacan tanto priorizou.

É o significante fálico que determina, portanto o padrão simbólico na cadeia significante. Vestígio da castração, ele significa e lembra que todo desejo do homem é um

desejo insatisfeito, viabilizando o encaminhamento parcial das pulsões, e, portanto, uma satisfação parcial do desejo. A partir disso, o falo é um valor nunca plenamente estabelecido, ou seja, o significante fálico é sempre aproximativo, por isso a ideia de satisfação parcial. Já o dinheiro, por sua vez, seria uma espécie de falo que propõe um valor exato, preciso, para os objetos de satisfação, se distinguindo assim da noção de falo simbólico e se apresentando como um falo imaginário.

O dinheiro gera a possibilidade de que tudo pode ser equacionado, de que qualquer desejo tem um valor exato que pode ser medido, calculado, e assim satisfeito com precisão. Ele vai ao sentido oposto ao que propõe o falo simbólico, pois este permite o deslizamento do desejo na cadeia significante, permitindo a imprecisão e a parcialidade da satisfação, e o dinheiro, mesmo funcionando como metáfora, congela as possibilidades de movimentação em um significado único, exato.

A semelhança com o conceito de falo então se dá pois o dinheiro não vale nada em si mesmo, apenas o que é atribuído a ele. Enquanto sistema monetário, ele tem uma função simbólica pois é fundamental para o elo social capitalista. No entanto, nos âmbitos da economia libidinal, ele funciona como falo imaginário pois dá a ilusão de ter valor em si.

O dinheiro, enquanto organizador do mundo humano, se configura dentro do plano simbólico. No entanto, o simbólico também escapa ao funcionamento ideal e, assim como toda a configuração humana, ele é falho. As vicissitudes provindas pela relação com o dinheiro tornam-se, portanto, paradoxais.

O elemento monetário foi uma importante conquista civilizatória e é fundamental para a configuração da relação entre os homens. Não é possível haver uma sociedade organizada sem um elemento que a estruture. A cultura é pautada pela produção humana e valorizada pelo dinheiro, é ele que na maior parte das situações move a geração de novas possibilidades de saídas e respostas não apenas às necessidades, mas aos desejos humanos.

No entanto, na mente do intérprete contemporâneo, ele advém como algo que não corresponde a uma ideologia moral de apenas atender as próprias necessidades básicas e proporcionar direitos iguais, traz consigo uma mentalidade capitalista intrincada que prioriza um gozo imediato inconsequente. As importantes modificações ideológicas das últimas décadas afetaram as concepções que circundam o elemento. Na nova configuração capitalista, hiperconsumista e midiática, há o advento de uma espécie de “sociedade não repressiva” vinculada à universalidade do consumo.

Os novos arranjos que compõem o capitalismo contemporâneo provocaram relevantes mudanças nos modos de investimento libidinais. A cultura fundada, segundo

Freud, no recalque das moções pulsionais teve um importante papel na fundação do capitalismo como sociedade de produção, no entanto, o advir de uma sociedade de consumo em prol de uma sociedade de produção modificou de forma expressiva as configurações existentes. Não apenas os empregos se tornam totalmente envolvidos em processos de ampliação do consumo, mas a mentalidade dos consumidores se assujeitam a uma nova ordem, o incentivo ao consumo passa a aparecer como problema econômico central e direcionam as forma de interação social e de desenvolvimento subjetivo.

A cultura ocidental contemporânea estimula justamente o levantamento do recalque daqueles que consomem. O bom cidadão, segundo a nova concepção, seria aquele que busca o extremo do seu gozo. É imprescindível para a efetivação do que quer o capitalismo global, ou seja, a maximização do lucro, que o desejo do sujeito seja suscitado por esses novos objetos e que ele seja fisgado pela nova forma de gozo que eles possibilitam.

A instituição do dinheiro como mola mestra da economia libidinal provocou consequências psíquicas que modificaram inevitavelmente a mentalidade do século. Na sociedade de produção, havia uma vigência de repressão das moções pulsionais, uma exigência à repressão ao gozo, no qual não se visava uma ética do trabalho diária remunerado em abstenção dos prazeres. Na atual, há uma evidente incitação ao gozo, o gozo transformado em obrigação, um imperativo do supereu que diz sempre – Goza!

O gozo se tornou um conceito bastante atual para se pensar na dinâmica que rege tudo aquilo que envolve o humano, tornou-se um conceito chave para compreender a economia libidinal própria à sociedade de consumo. A necessidade de gozar não tem fim, angustia-se pelo excesso, não pela falta. É a falta da falta, como ensina Lacan.

Não se torna mais necessário economizar para satisfazer os desejos, o gozo se torna implícito ao consumo, em qualquer consumo. A ética que permeava o trabalho deu lugar a uma banalização do prazer e do entretenimento, sendo exemplo disso o cartão de crédito, que possibilita qualquer usufruto sem de fato haver o dinheiro físico em questão. As consequências psíquicas dessa passagem da sociedade de produção à sociedade de consumo se fazem notar, hoje o verdadeiro discurso que sustenta na contemporaneidade é o como cada um acha sua forma de gozar.

Podemos dizer, então, que o Discurso do Capitalista mantém-se pela uso constante da falta, ao mesmo tempo em que aponta para a possibilidade de preenchê-la com o objeto de consumo, o bom consumidor deve sempre procurar novas aquisições, em busca de um objeto melhor, que garantiria enfim um gozo pleno.

Jacques Lacan (1953/ 1998) diz que o dinheiro é o objeto mais mortífero de todos pois cria a ilusão de ter valor em si. Qualquer objeto que detiver valor em si se associará diretamente com o gozo libidinal e isso, supostamente, o satisfará. No entanto, nenhum objeto basta ao desejo humano, e, portanto, o dinheiro como mediador de qualquer outro objeto, mascara a incompletude humana. Pierre Martin (1984/ 1997, p.45) afirma que “o dinheiro deve algo à morte”, afirmação coerente posto que o dinheiro sustenta em si a ilusão de possibilidade de gozar-se apenas por possuí-lo, de completude em si.

Possuindo um caráter mortífero quando faz com que se acredite que o desejo possa ser quantificado, o dinheiro se presta à disposição de um antedesejo, trazendo colado em si o gozo. O falo indica uma direção de satisfação do desejo, mas nunca o é de fato, é apenas aproximativo, o elemento monetário indica uma coisa em si, específica, por isso a aproximação com o falo imaginário. No entanto, é necessário ter cautela nessa conformidade, pois o falo é um lugar, um significante, e como significante não pode ser uma coisa em si como pretende o dinheiro.

Como pensar que esse sujeito é quem comanda com o seu desejo, se esse mesmo desejo é causado por um objeto do qual ele não tem o controle? Assim, embora o lugar de comando seja ocupado pelo sujeito, que se pavoneia na expressão de suas escolhas e de sua liberdade, o verdadeiro comando é exercido pelo objeto, que sustenta de fato o discurso (TEIXEIRA, 1997, p. 4).

Provou-se, no desenvolvimento que o dinheiro produz uma atribuição de valor em si mesmo, funcionando de forma análoga ao falo imaginário, isto é, ao objeto supostamente constituído de valor pleno que um dia acreditou se perder. Sabe-se que a busca do sujeito não se dá pela procura da sua metade complementar, mas da parte de si mesmo que perdeu para sempre ao se tornar um ser vivo sexual e mortal, e que é narcisicamente projetada a partir do falo imaginário. No entanto, o caráter mortífero que se sobressai acontece já que o desejo não pode ser medido nem calculado exatamente como o elemento monetário propõe, a estrutura furada humana não se completa por deter nenhum objeto específico. A real mola mestra da economia libidinal é o que Lacan nomeou por objeto *a*, e nada em si mesmo corresponde a ele.

O que se evidenciou é que o dinheiro é um signo por excelência porque detém primazia frente a outros enquanto o instrumento mediador universal de qualquer troca e definidor na mentalidade de qualquer interpretante. Um significante que ocupa um lugar determinante na série de equivalências freudianas, funcionando de forma semelhante ao falo no psiquismo humano, imaginariamente detendo em si o valor exato do desejo. Por consequência dessas duas características, configurou-se como a mola mestra da ideologia

imposta pelo discurso capitalismo dominante, que usa e abusa de artimanhas que exigem imperiosamente que se goze. A incitação superegoica imperativa daquilo que rege define uma nova mentalidade de sujeitos que dirão o rumo das interfaces sobre esse assunto e tudo aquilo que permeia.

Muitas das suas facetas e consequências ainda serão vividas e pensadas, a inserção no mundo digital, a globalização capitalista e o imperativo de gozo que prega a ideologia dominante definirão as consequências sintomáticas dessa nova configuração. Sabe-se que aquilo que move o humano vai muito além de suas questões concretas, seus furos e desejos são muitos singulares e dizem respeito a uma verdade outra que não delimitada.

A verdade apontada é que o dinheiro é um objeto mortífero. Assim como qualquer verdade, esta que se apresenta é não toda, pois, como foi dito, muito ainda se está a traçar sobre as vicissitudes que contornam a questão. No entanto, conclui-se que o dinheiro é um assunto inevitável em qualquer discussão sobre temas da civilização atual e que as sobredeterminações que provoca precisam ser priorizadas e debatidas, tanto no plano individual quanto no social e cultural.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1908). Caráter e Erotismo anal. *In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1917). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. *In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. (1956-1957). *O seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1953). Função e campo da palavra. In **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

MARTIN, P. (1984). **Dinheiro e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Reinventer, 1997.

PILAGALLO, O. **A aventura do dinheiro**: uma crônica da história milenar da moeda. São Paulo: Publifolha, 2009.

SAFATLE, V. Depois da culpabilidade: figuras do supereu na sociedade de consumo. In **Zizek crítico**: política e psicanálise na era do multiculturalismo / Slavoj Zizek et al; org. Christian Dunker, Jose Luiz Aidar Prado – São Paulo: Hacker, Editores, 2005.

_____. Por uma crítica da economia libidinal. **Ide (São Paulo)**. São Paulo, v. 31, n. 46, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 maio 2015.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TEIXEIRA, M. do R. Objeto do desejo, objeto do gozo, objeto de consumo. In **O amor nos tempos de análise**. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, vol. 1, n. 7. Curitiba: APC, 1997.